



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

ESPAÇO E FORMA URBANA: ANÁLISES SOBRE REFLEXOS DO GRID NAS ORGANIZAÇÕES
E INTERAÇÕES NAS CIDADES

Marina Guerra Diógenes (Universidade Federal do Rio de Janeiro) - marinagdiogenes@gmail.com
Formada em Arquitetura e Urbanismo pela UFC. Estudante de mestrado no PROURB, FAU-UFRJ.

Espaço e forma urbana:

Análises sobre reflexos do grid nas organizações e interações nas cidades

INTRODUÇÃO

O gesto de produção da cidade é uma função milenar — orgânica ou planejada, regular ou irregular — caracterizada por processos de divisão do trabalho, sistematização econômica e organização do espaço, da forma construída e da complexidade das relações sociais. Acredita-se que decodificar o espaço urbano existente — ou seja, reconhecer a cidade que de fato existe e não apenas a ideia da que deveria existir — é o ponto essencial para transformação e melhoria do seu desempenho nas mais diversas frentes. Coloca-se “desempenho” aqui não de forma produtivista, mas pensando no seu funcionamento para usufruto da população, pensando na cidade como ambiente social. Busca-se entender o espaço urbano como concreto e dinâmico, em vez de pensar nele como abstrato e estático.

Desse modo, este artigo visa contribuir com o diálogo acerca de questões sobre o espaço, a forma e o grid nas cidades de hoje e em como eles podem afetar interações relevantes para a compreensão dos fenômenos urbanos. Para essas análises foi realizada uma revisão bibliográfica e serão usadas como base algumas das colocações do livro *Ladders* de Albert Pope (1996), considerado um clássico do campo do urbanismo, atrelado a algumas outras leituras — e.g. Kevin Lynch, Jane Jacobs, Nuno Portas — e a observações de diferentes ambientes urbanos.

Este texto está estruturado além desta breve introdução e das considerações finais, em três tópicos: primeiro, serão abordados o espaço urbano e a forma construída nas cidades contemporâneas; em seguida, dois tipos de grids urbanos de acordo com Pope; e por fim, observações sobre traçados urbanos, interações sociais e segregação.

ESPAÇO, FORMA E ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

O arquiteto Albert Pope, no seu livro *Ladders* de 1996, defende que a cidade contemporânea — a que está sendo construída — é invisível. Ele ressalta que, embora estejamos vivendo nela, o arcabouço conceitual utilizado para entendê-la não é suficiente, deixando-a despercebida. Contudo, defende-se aqui que esse argumento já pode ser considerado datado. É válido pontuar que hoje, 26 anos após a primeira publicação dessa obra, o entendimento sobre o espaço urbano contemporâneo, sobre forças, agentes, dinâmicas e processos que exercem influência nesse espaço, é bem mais consciente e crítico.

As dinâmicas urbanas contemporâneas estão intimamente relacionadas às necessidades dos sistemas econômicos neoliberais, os quais têm grande rebatimento sobre a forma urbana, haja vista o potencial de geração de lucro e de absorção do reinvestimento do capital excedente que as cidades apresentam com as renovações, reestruturações, revitalizações, restaurações, etc. Nessa perspectiva, os contrastes e segregações sociais, econômicas e espaciais estão

cada vez mais presentes e visíveis nas cidades contemporâneas, principalmente em países com desigualdades urbanas extremas, como os do Sul Global.

Analisando a cidade contemporânea, Pope questiona a primazia da forma e defende que:

“[...] não é a forma construída que caracteriza a cidade contemporânea, mas os imensos espaços sobre os quais a forma construída tem pouco ou nenhum controle. Esses espaços, que prevalecem sobre o gesto arquitetônico, acabam por dominar o ambiente urbano contemporâneo.” (POPE, 1996, p. 3 e 5)¹

Seguindo essa perspectiva é importante identificar e questionar o que controla os espaços sobre os quais a forma construída não tem controle. Identificar que agentes, sistemas e dinâmicas exercem esse controle e com que finalidade é essencial para a compreensão e para a interferência na cidade de hoje. E é esse um ponto sobre o qual acredita-se que há um maior esclarecimento desde 1996, sendo essas dinâmicas bem menos invisíveis ou despercebidas pelos pesquisadores urbanos. Entretanto, é válido ressaltar também que — concordando com Pope — grande parte dos arquitetos e planejadores urbanos acabam se atendo a projetos sem realizar maiores questionamentos sobre suas lógicas, objetivos e impactos, colocando suas produções e esforços à disposição de forças e interesses que vão além do seu controle. Nas suas palavras, Pope explica:

“A tentativa de afetar vastas extensões de espaço com gestos de projeto ineficazes, e muitas vezes patéticos, ignora em vez de confrontar a escala esmagadora do contexto. Isso constitui um paradoxo para a disciplina, no qual a qualidade mais característica do urbanismo contemporâneo permanece inacessível à intervenção projetual direta.” (POPE, 1996, p. 6)²

Dentro das dinâmicas da urbanização, é interessante pensar sobre a relação entre forma construída e o espaço urbano, visando refletir sobre a primazia do espaço ou da forma, Pope (1996) critica a primazia da forma construída — as construções em si — como detentora de um status privilegiado, enfatizando que é necessário rejeitá-la para que haja de fato uma compreensão da cidade atual, a qual é controlada pelo espaço. Ou seja, houve uma inversão de status, a forma construída é consequência das forças que regem e moldam o espaço urbano contemporâneo, o que não significa que ela seja irrelevante.

Seguindo essa linha da forma construída subordinada à primazia do espaço, Pope apresenta ainda o que ele chama de “estratégia pós-urbana de intervenção” que tem como objetivo interferir no espaço da cidade — colocado como alvo primário — por meio de intervenções em formas construídas

¹ Tradução da autora. Texto original: “[...] it is not built form which characterizes the contemporary city, but the immense spaces over which built form has little or no control. These spaces, which overwhelm the architectural gesture, ultimately dominate the contemporary urban environment.” (POPE, 1996, p. 3 and 5)

² Tradução da autora. Texto original: “The attempt to affect vast expanses of space with ineffectual often pathetic “design” gestures ignores rather than confronts the overwhelming scale of the context. This constitutes a paradox for the discipline, where the quality which is most characteristic of contemporary urbanism ultimately remains inaccessible to direct design intervention.” (POPE, 1996, p. 6)

secundárias. Partindo dessa definição, um caso que é colocado aqui como exemplo desse tipo de estratégia é o da construção do Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, inaugurado em 1999 (figura 1). Com projeto de dois arquitetos renomados da capital cearense, Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon, o centro cultural, com os mais diversos equipamentos no seu programa, está inserido em uma antiga área portuária da cidade. Área essa antes bastante degradada, com um estigma de violência e sobre a qual havia o interesse do poder público de que houvesse uma reestruturação nos arredores para atração de investimentos. Entende-se que o Dragão do Mar, atrelado a outras intervenções, obteve um certo êxito, haja vista que seu entorno e ele próprio se tornaram uma das regiões mais utilizadas pelos jovens e atração turística na cidade, além de uma série de bares, boates, restaurantes e comércios usando antigos galpões da região (figuras 2 e 3). O Dragão teve importante influência no espaço urbano local e nas suas interações sociais e econômicas, mas sem grandes intervenções no desenho e no grid da área, por exemplo.



Figura 1: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza (CE).

Foto: Elpídio Nogueira. Disponível em:

<https://www.radiouniversitariafm.com.br/noticias/exposicao-fortaleza-vista-de-cima-apresenta-fotografias-aereas/>



Figura 2: Galpões do entorno transformados em bares e boates.

Fonte: Google Earth, 2020.



Figura 3: Galpões do entorno transformados em comércios.
Fonte: Google Earth, 2020.

GRIDS URBANOS

Como foi abordado, o edifício construído pode ser um mecanismo para trazer reestruturações urbanas maiores. Todavia, pensando de forma mais vasta no espaço urbano e indo além da forma construída do edifício, Pope (1996) traz a ideia da forma urbana mais ampla da cidade em si, mostrando então a lógica do grid urbano: qualquer que seja a organização ou desenho, enquanto mantiver uma lógica independente, será um grid.

Pode-se dizer que o grid é essencialmente o resultado da necessidade de dividir e ordenar o ambiente urbano. A grelha urbana pode apresentar simplicidade formal e complexidade ao mesmo tempo. E a organização clara e de fácil compreensão é o motivo pelo qual o grid tem sucesso em organizar uma série de sistemas complexos que formam o contexto urbano. Um traçado claro facilita a legibilidade e a capacidade das pessoas de se situarem e circularem pelo espaço urbano, como evidenciam Lynch (2011) e Jacobs (2011).

Pope (1996) define duas características organizacionais divergentes de grid nas cidades: a centrífuga e a centrípeta (figura 4).

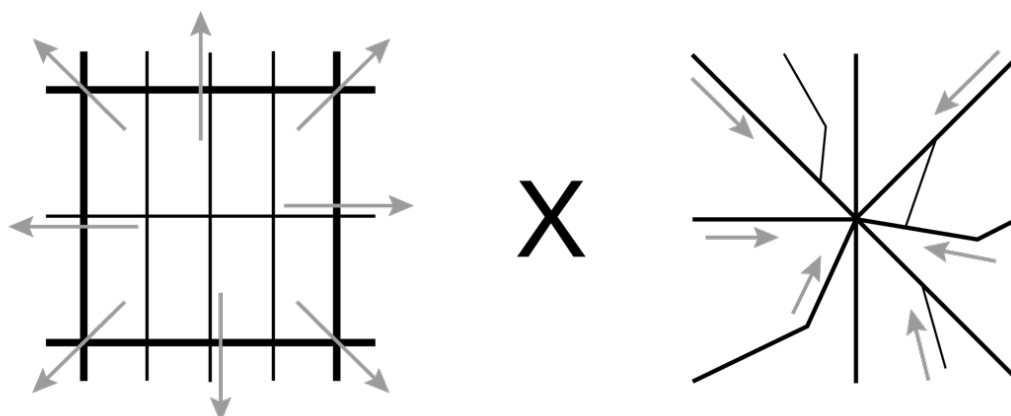


Figura 4: Grids centrífugo e centrípeta, respectivamente.
Fonte: Elaborado pela autora.

Ele define a malha centrípeta como uma forma isolante, limitada, com extensão conhecida e separada do contexto circundante. Um binário dentro/fora de desenvolvimento. A expansão com vários núcleos e centralizada foi colocada por Ebenezer Howard no livro *Garden Cities of To-morrow* (1898). Essa estrutura consiste em um núcleo centralizado em torno do qual novos núcleos se reúnem de forma dispersa, mas centralizada. Pope afirma que esta condição não existe na organização da grade centrífuga.

O grid centrífugo permite, em geral, um sistema aberto com expansão ilimitada e continuidade em todas as direções. Esse grid permite um layout racional e organizado que não só impressiona de uma visão aérea, mas também funciona bem no nível do pedestre. O grid centrífugo permite conexões com contextos circundantes e apresenta as vantagens de atender necessidades mais complexas da cidade, ao mesmo tempo que beneficia comunidades, sistemas de transporte, o crescimento e a expansão urbana e econômica. Além de apresentar um caráter mais simples e claro.



Figura 5: Traçado urbano de Barcelona.
Fonte: Google Earth, 2020.



Figura 6: Traçado urbano de Manhattan,
Nova York.
Fonte: Google Earth, 2020.

Duas cidades que apresentam traçados centrífugos conhecidos são Barcelona, na Espanha, e Nova York, nos Estados Unidos. Barcelona (figura 5) apresenta um desenho urbano organizado decorrente de um grid denso e centrífugo, proposto no plano de Ildefons Cerdà de 1860. O grid de Cerdà, com quarteirões chanfrados e quadrangulares, traz ainda benefícios de grandes pátios, átrios e áreas de espaços verdes internos às quadras possibilitando espaços de permanência, interação e conforto para a população. Outro exemplo desse tipo de traçado é o de Manhattan (figura 6), Nova York, proposto pelo Commissioners' Plan de 1811 para a ilha. Esse plano foi bastante criticado pela

sua ortogonalidade (quadradas retangulares e paralelas), colocada como excessiva e geradora de monotonia ao comparada com redes urbanas menos regulares. Angotti e Morse (2016) ressaltam que esse plano foi bastante útil para grandes proprietários que subdividiram suas terras para vender lotes de casas. O Central Park não fazia parte do plano original e só foi finalizado em 1876, mas, com a organização clara do grid, foi inserido de acordo com a ortogonalidade da grade. Essa crítica ao Commissioners' Plan está bem relacionada à que Pope evidência que ocorreu no século XX.

Pope (1996) afirma que durante o século XX o grid foi visto como uma forma de organização redutora e restritiva, como uma maneira de trazer um certo anonimato às cidades e de desumanizar o espaço urbano. Essa crítica tem relação com o movimento Garden City, que se concentrava na criação de comunidades menores, com formações urbanas menos complexas e com conexões a espaços verdes. Pope pontua também que essa crítica pode ser precisa até certo ponto, já que o grid pode ser de fato redutor e remover aspectos naturais da paisagem e topografia, mas também traz uma série de benefícios para a comunidade. Ou seja, sua capacidade de dar suporte a sistemas e ambientes complexos não deve ser ignorada, tendo função bastante importante na organização dessas complexidades urbanas, enquanto permite que a cidade permaneça clara e funcional.

TRAÇADOS, INTERAÇÕES SOCIAIS E SEGREGAÇÃO

Embora existam várias críticas aos diferentes tipos de grid, ele em si não é especificamente bom ou ruim. Suas consequências são decorrentes dos interesses de quem o planeja e de como será utilizado na prática, além de serem efeitos atrelados às condições de tempo, espaço, poder e desenvolvimento econômico. O espaço urbano é tanto um resultado quanto uma condição para processos sociais e econômicos, ou seja, há uma estreita e mútua relação entre o espacial, o social e o econômico.

Essa relação entre o espacial, o social e o econômico pode ser entendida por meio trabalho de Hillier, Penn, Hanson, Grajewski e Xu (1993), no qual eles ressaltam que a configuração do traçado urbano é uma das principais responsáveis por padrões de movimento nas cidades, isto é, o grid é um gerador de urbanidade. As malhas urbanas podem privilegiar determinados espaços em relação a outros, direcionando e hierarquizando trajetos. Desse modo, os grids são também responsáveis por possibilitar — dando maior ou menor suporte — encontros e interações dos cidadãos.

Nessa perspectiva e pensando sobre dinâmicas contemporâneas de organização urbana, é interessante tentar perceber se e como o grid, atrelado à “estratégia pós-urbana de intervenção” de Pope (1996) explicada anteriormente, interfere na segregação dentro das cidades. É válido pensar em analisar a segregação urbana em relação à forma e ao traçado urbano, haja vista que a separação física entre pessoas ou entre atividades tem relação direta com como as cidades são estruturadas e organizadas pela forma construída.

E seguindo essa linha, é pertinente colocar também o questionamento de se, para uma segregação urbana em decorrência do grid, é necessário que esse grid esteja atrelado a um zoneamento urbano excludente. Seria o grid em si capaz de gerar segregação urbana? Seria o grid atrelado ao zoneamento

excludente uma ferramenta urbana capaz de gerar gentrificação? Essas são possibilidades de temas de pesquisas partindo de pontuações feitas neste trabalho, principalmente ao se pensar em intervenções no grid como instrumentos para o lucro do sistema neoliberal dentro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a maneira pela qual a dualidade forma-espço compõe a cidade e afeta interações são importantes para a compreensão dos fenômenos urbanos. O espaço das cidades contemporâneas pode ser visto como um sistema de barreiras e permeabilidades que condicionam o movimento das pessoas. Nesse âmbito, a arquitetura e o espaço urbano são interpretados como elementos interdependentes, porque resultam e interferem simultaneamente nas suas próprias formas e nas relações sociais e econômicas.

Em discussões contemporâneas sobre a forma urbana, muitos planejadores e arquitetos defendem a estruturação por grid. Principalmente em grandes cidades, que são mais heterogêneas e apresentam maiores demandas a níveis organizacionais e econômicos, o grid — e existem diversos padrões dele — é uma estrutura legível, acessível e eficiente, capaz de ordenar complexidades do espaço urbano, proporcionando clareza e funcionalidade.

Uma das principais formas de estudar a morfologia urbana é percebendo a cidade não apenas como um conjunto de quadras que podem ter regularidades geométricas e estilos arquitetônicos similares, mas como uma malha interligada de espaços livres e construídos, de quadras e edifícios — a malha urbana. Essas perspectivas de estudos, observam as cidades e seus traçados, delineando conexões entre o espaço e a sociedade, entre os interesses públicos e privados, entre as interações sociais e econômicas, e revelando que a própria grade urbana é marcada pela sociedade. Assim, acredita-se que é pertinente colocar como perspectiva de pesquisa o questionamento do papel do grid nas dinâmicas de segregação urbana e até mesmo nas dinâmicas de gentrificação.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Tom; MORSE, Sylvia (ed.). *Zoned Out!: Race, displacement, and city planning in New York City*. Nova York: Terreform, 2016.

GRANT, Jill. The dark side of the grid: power and urban design. *Planning Perspectives*, v.16, n.3, 219-241, 2001.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. *The social logic of space*. Cambridge: CUP, 1984.

HILLIER, B; PENN, A; HANSON, J; GRAJEWSKI, T; XU, J. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. *Environment And Planning B: Planning and Design*, v.20, n.1, 29-66, 1993.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2011.

MARCUSE, Peter. The grid as city plan: New York City and laissez faire planning in the nineteenth century. *Planning Perspectives*, v.2, n.3, 287-310, 1987.

POPE, Albert. *Ladders*. New York: Princeton Architectural Press, 1996.

PORTAS, Nuno. *O tempo das formas: Vol. 1: A cidade feita e refeita*. Guimarães: DAAUM, 2005.